

Gonçalo Barreiros

Experiência alienante

SANDRA VIEIRA JÜRGENS | sandravieirajurgens@gmail.com

Nas suas intervenções artísticas, no domínio da escultura e da instalação, Gonçalo Barreiros pode usar diferentes materiais e mecanismos para criar situações que exploram ritmos, movimentos e realidades sonoras inesperadas. Os seus mais recentes trabalhos estiveram há pouco expostos numa mostra individual na Vera Cortês – Agência de Arte – e foi sobre eles que falámos nesta entrevista. Gonçalo Barreiros (Lisboa, 1978) possui um MA em escultura da Slade School of Fine Arts (Londres) e o Curso Avançado do Ar.Co.

arq./a: Referiu-se que esta exposição marca um ponto de abertura em termos formais no seu trabalho. Que diferenças se podem notar em relação a experiências anteriores?

Gonçalo Barreiros: Dizer que esta exposição revela uma abertura em termos formais tem apenas o peso de uma constatação... Interessa-me mais as implicações específicas de cada trabalho e a zonas de estranheza e desconforto que cada um convoca, mais do que questões de natureza comparativa, se um é um objecto ou uma fotografia... Não me interessa comparar e, sobretudo, em termos formais. Cada trabalho é um momento específico com uma excentricidade própria, o facto de ser escultura ou vídeo, para mim, é irrelevante, interessa-me mais abordar e olhar para certas questões mesmo que estas se liguem em termos conceptuais de forma a que elas possam sempre gerar algo mais... A utilização de *mediums* específicos prende-se com questões conceptuais específicas a cada trabalho, por isso não me é possível falar por comparação.

arq./a: De que forma acontece esse afastamento em relação a anteriores pesquisas. Do ponto de vista conceptual quais foram as questões que determinaram esta transformação na sua prática artística?

GB: Não há um afastamento do trabalho anterior, há talvez um apurar de certos recursos e conceitos. Há um lado nitidamente mais reconhecível nos elementos que compõem o meu trabalho, o que impõe um desafio diferente para o espectador. Fui buscar mais directamente elementos da cultura popular, elementos que no caso da peça “s/ título (william tell overture)”, me interessam pela ausência de qualquer poética (embora ache que estes termos estejam já demasiado contaminados, pelo seu excessivo uso no plano do senso comum). Estas peças que agora apresento pertencem

a um universo árido, que se auto determina por um cansaço excessivo. Por uma repetição ou saturação que nos possibilita um sempre novo questionamento. A questão conceptual penso que não pode ser vista de uma forma estanque que se limita em passar de um conceito para o outro, daí a palavra transformação a que se refere. Esta faz-se com o trabalho, não muda, renova-se. Dizer assim, preto no branco, quais são as questões conceptuais, penso que é tirar um elemento fundamental para quem quer tomar contacto com o trabalho, o estar presente a ele, sentir e pensar nesse encontro. Podemos falar de ideias e conceitos, mas acho perigoso se estes se limitam a servir a função de legenda ou simples mediador.

arq./a: Em algumas obras explora situações sonoras. O que é que o leva a explorar esse campo de plasticidade?

GB: O som é um dos elementos que utilizo bastante no meu trabalho, até aqui trabalhei o som como uma espécie de refugio, um resíduo invasivo, como uma espécie de presença que se espalha e que é altamente irritante. Qualquer coisa que está sempre a voltar, disfuncional... Interessa-me também a forma como esse som é produzido, é muito importante a relação entre o som e o que o produz, isto é, a possibilidade de se poder testemunhar o seu processo de produção, o tempo, ou o arrastamento do tempo... Interessa-me a experiência alienante, o que faz ao corpo, há uma violência implícita, que percorre diferentes estados, o humor que se vai adensando e poluindo.

arq./a: Como é que se relaciona com a tradição escultórica. De que maneira é que ela está no seu pensamento?

GB: Penso que é importante o sentido histórico, mas não ficarmos dependentes dele, pois penso que este pode adquirir as intensidades que lhe quisermos dar, ou seja, pode também ele ser um elemento em movimento e transformação. Relaciono-me com a história de arte em geral. Não me considero mais escultor que artista, a minha relação com a escultura é uma relação com a materialidade e identifico-me de forma directa com questões intemporais da escultura, isso é algo que está subjacente, um elemento entre outros. Interessa-me sobretudo pensar em termos da experiência e como a posso potenciar. Podemos falar de muitas tradições, é preciso é que este termo não seja hermético, estanque, que albergue também



Gonçalo Barreiros, "Sem Título", 2008

"tradições", não só de uma "alta cultura"...

Mas talvez a ideia mais necessária seja a necessidade de questionar as tradições mais estabelecidas (não sei ao certo se conseguimos escapar a uma) e repensar valores que nos tiram do processo criativo, da possibilidade de nos relacionarmos com as coisas, ideias, linguagem, da singularidade que cada problema nos apresenta e não deixarmos de tentar encontrar sempre a sua especificidade, sem que este se dissolva numa homogeneização ou separação por categorias, como se pertencessem a um processo burocrático em vez de criativo. Isto faz-nos questionar a forma como decidimos comunicar ou transmitir uma ideia, sensação.

arq./a: No que diz respeito ao seu processo de trabalho, gosta

de trabalhar com um tema em mente. Parte de um conceito, de uma situação?

GB: Não tenho um tema por assim dizer, tenho sim várias ideias que se encadeiam umas nas outras, não há um conceito que eu isole, elas fazem sentido entre si como se pertencessem a uma teia que envolve na sua própria organicidade.

São activados tanto por situações que acontecem ou assuntos que são geradores, algo que intriga ou que suscita a curiosidade.

Tenho um método de trabalho muito diverso, vejo o ateliê mais como um local de execução do que como um espaço criativo. Isto em relação ao momento em que um projecto se começa a definir na minha cabeça.

Quando parto para a execução das peças já tenho uma ideia bem definida



Gonçalo Barreiros, "Slides", 2008

daquilo que quero fazer, onde quero chegar. No entanto nunca é um processo linear e muitos dos projectos demoram muito tempo, vou fazendo várias tentativas deitando coisas fora até chegar mais próximo daquilo que quero fazer, às vezes só para perceber que vou ter que repetir tudo outra vez. Muito daquilo que faço em termos do processo de execução tem um lado de inventividade subjacente e vejo-me por vezes na condição de ter que criar a ferramenta necessária para poder fazer a coisa, embora no princípio tudo pareça simples...

Em relação ao processo criativo não é raro tropeçar em algo, não me sento

a pensar, gosto de reparar nas coisas. Às vezes é um processo de ir atrás da curiosidade, ou de uma investigação mais planeada; por vezes investigo exaustivamente um assunto, um livro, um filme... mas nem sempre o acabo por o usar num trabalho. Na realidade, vistas bem as coisas, uma parte importante daquilo a que me estou a referir como processo de trabalho não é mais que uma forma de estar, de olhar, de viver, de andar por aí.

É difícil de dizer exactamente como é que as coisas se encadeiam mas não é raro perceber que em relação a certos projectos andei a deambular, a fazer associações, o que acabou inevitavelmente por resultar num conjunto de imagens que deram origem a vários trabalhos.

Há um lado para mim necessário que é o de estar sempre a refazer e a tentar esquecer-me de qualquer método, ou melhor a quebrar hierarquias, às vezes processo criativo é muito directo ou mesmo absurdamente simples, outras não.

arq./a: Até que ponto é que as suas peças são meticulosamente planeadas ou há um espaço para a improvisação?

GB: Funciono muito por tentativa e erro, vou planeando e ajustando à medida que vou fazendo, no entanto tenho uma imagem clara daquilo que quero fazer, o que pode parecer contraditório mas na realidade não é... no concreto, o tipo de leitura que uma coisa gera no território da realidade não está ao mesmo plano da imagem mental da mesma, e entre uma peça estar acabada e o quase pode ir uma distância grande. Cada vez mais me interessa ir buscar elementos para o meu trabalho que já venham com alguma carga com algum grau de poluição, que em si, já tragam uma bagagem de sentidos às costas, que se possam reconhecer e ao mesmo tempo alienar. Interessa-me puxar a tensão, é um trabalho de detalhe que deverá ser relativamente imperceptível. Este processo é fluido, no fim acabo por vezes com várias versões da mesma peça em que só uma acabo por mostrar, o que não quer dizer que esta seja uma busca pela perfeição, quando falo assim não estou a falar em termos formais, tem que ver com a leitura de cada trabalho e com essa zona de estranheza que me interessa pensar. Esse detalhe de que estou a falar tem que ver com a disfuncionalidade desejada para cada peça. A improvisação está inerente ao processo do fazer, penso que esta se alia ao planeamento meticuloso. Não vejo as duas coisas como processos opostos.

arq./a: Tem uma certa preocupação em não falar sobre o trabalho antes de apresentar uma exposição de maneira a não comprometer a experiência e o comportamento do espectador. A surpresa é fundamental?



Gonçalo Barreiros, "Banana", 2008



Gonçalo Barreiros, "Sem Título" (William Tell overture), 2008

GB: Nestes últimos trabalhos existem elementos reconhecíveis apropriados de contextos diferentes e que me interessaram trabalhar de forma a criar densidades e espaços de estranheza específicos a partir de cada um destes elementos. Existe um lado quase irrecuperavelmente morto em cada trabalho e é isso que eu quero explorar. Interessa-me esse vazio impossível de redimir, assim como a escala de sensações que provoca, até à insuperável irritabilidade nervosa.

Nesse sentido, cada trabalho, de maneira diferente, tem um lado que confronta o espectador, e que o convoca para um espaço potencialmente decepcionante. Esta exposição tem um carácter imagético sugestivo. Se eu disser a alguém, antes dessa pessoa entrar na exposição, que vai ver uma fotografia de uma casca de banana

contra um fundo branco, que a escala da casca de banana é real e que é uma fotografia de estúdio em grande formato sem manipulação digital, não estou a dizer nada que possa mediar a experiência dessa pessoa com a peça... o momento suspenso antes da escorregadela. Por outro lado também não vejo qualquer utilidade em estar a dar essa informação, pois o espaço que se cria no trabalho é único e tem a sua própria materialidade. Não acho que a arte possa viver da surpresa, senão não se poderia voltar vezes sem conta e descobrir sempre algo diferente numa mesma obra.

Não gosto de facto de falar de uma exposição antes que seja vista, da mesma forma que não gosto de ir com uma ideia feita antes de entrar numa exposição, não existe qualquer especial cuidado em criar surpresa. ■



Gonçalo Barreiros, "Salesman", 2007



Gonçalo Barreiros, "800", 2006